



## A MOTIVAÇÃO METAFÓRICA NAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS COMO PARTE DO PATRIMÔNIO CULTURAL DOS POVOS LATINO-AMERICANOS

M. Luisa Ortiz Alvarez<sup>1</sup>

### RESUMEN:

*LA MOTIVACIÓN METAFÓRICA EN LAS  
EXPRESIONES IDIOMÁTICAS COMO PARTE DEL  
PATRIMONIO CULTURAL DE LOS PUEBLOS  
LATINOAMERICANOS*

*Este trabajo compara diversas expresiones  
idiomáticas de varios países latinoamericanos  
para comprobar su motivación metafórica.*

**Palabras claves:** Motivación, imaginario, cultura, ex-  
presión idiomática.

### ABSTRACT:

*THE METAPHORICAL MOTIVATION IN  
IDIOMATIC EXPRESSIONS AS PART OF THE  
CULTURAL HERITAGE OF THE PEOPLES OF LATIN  
AMERICA*

*This paper analyses the idiomatic expressions  
of several Latin American countries so as to  
show the metaphorical motivation behind  
each culture which is represented in them.*

**Key words:** Motivation, imaginary, culture, idiomat-  
ic expressions.

**RESUMO:** *Neste trabalho pretendemos fazer uma trazer expressões idiomáticas de vários países latino-americanos para mostrar a motivação metafórica que subjaz a cada cultura nelas representada.*

**Palavras chaves:** Motivação, imaginário, cultura, expressões idiomáticas.

## INTRODUÇÃO

A realidade de hoje mostra as perspectivas de um mundo multipolar, se multiplicam movimentos e iniciativas de cooperação entre as nações, visando à integração progressiva de suas economias, suas políticas, cultura e movimentos sociais. Assim, a integração tornou-se um imperativo histórico, social e político dos países para sua inserção econômica é o possível caminho para enfrentar os aspectos negativos e positivos da globalização e para a construção de um mundo mais equilibrado em que as relações internacionais não se realizem apenas entre países isolados, mas entre blocos representativos. Mas e a nossa América?

Gostaria de começar este trabalho com alguns pensamentos de Darcy Ribeiro, antropólogo excelente escritor e político brasileiro, por quem sinto um enorme respeito e admiração. As idéias do autor que a seguir exponho têm muito a ver com o tema proposto para nossa apresentação neste evento. Ribeiro se questiona se existe uma América Latina e imediatamente respondendo a tal interrogante argumenta:

no plano geográfico é notória a unidade da América Latina, como fruto da sua continuidade continental, mas essa unidade jamais funcionou como fator de unificação porque as distintas implantações coloniais das quais nasceram as sociedades latino-americanas coexistiram sem conviver, ao longo dos séculos, sendo que cada uma delas se relacionava diretamente com a metrópole colonial.

\* Fecha de Recepción: Agosto 2008.

Fecha de Aceptación: Septiembre 2008.

<sup>1</sup> Ortiz Álvarez, María Luisa, Instituto de Letras, Universidad de Brasilia, Brasilia, Brasil.

E mais adiante aponta:

no plano lingüístico-cultural, nós, latino-americanos, constituímos uma categoria tanto ou tão pouco homogênea como o mundo neobritânico dos povos que falam predominantemente o inglês. Os que falam da América Latina como uma entidade concreta, uniforme e atuante esqueceram que dentro dessa categoria estão incluídos entre outros os brasileiros, os mexicanos, os haitianos, os cubanos, etc. Agora, se reduzimos a escala de latinos para ibêricos encontraremos uma unidade um pouco mais uniforme e continuariam dentro dessa categoria os brasileiros, os argentinos, os porto-riquenhos, os cubanos, os chilenos, etc., mas, do ponto de vista de cada uma das nacionalidades, sua própria substância nacional tem muito mais singularidade e vigor do que o denominador comum que as faz ibero-americanas.

Como podemos observar Ribeiro apresenta uma filosofia que não deixa de ser interessante e ao mesmo tempo relevante e verdadeira, pois olhando o conjunto de países que integram a América Latina encontramos neles muitos elementos e aspectos particulares que diversificam o quadro do nosso majestoso continente latino-americano, por exemplo, a presença indígena em alguns países, comunidades sobreviventes da população original (seja o caso de Perú, Bolívia, México, Guatemala, Equador, Colômbia, Brasil) nas quais é preservada a língua falada por essa população, e em alguns casos resgatada. Outro elemento que nos diferencia é a presença do componente africano em países como Brasil, Porto Rico, Cuba, República Dominicana, Colômbia, Venezuela, dentre outros, onde na época da escravidão a afluência de negros escravos foi maior, daí que a sua influência no folclore, na língua, na música, na culinária e na religião sejam palpáveis. Tudo isso sem contar outras populações imigrantes japoneses, chineses, italianos, alemães, árabes, judeus, etc. que enriqueceram a cultura e a língua dos países da região. Assim, todos esses contingentes se *americanizaram*.

Assim, a nossa América carrega a história das diversas culturas que a permeiam e, principalmente hoje, diante do cenário econômico mundial quando a idéia de cultura dentro do fenômeno da globalização muda de enfoque, entrando em crise o tradicional conceito de cultura como identidade, nação, etnia, território (unidade territorial, lingüística e político-social). Bentes (1997), falando sobre essa questão afirma que é a valorização de uma cultura, em tempo real, que tende abolir o espaço, as fronteiras e os territórios. Sabe-se que todas as línguas têm os seus modos de dizer fixos, consagrados pela tradição, mantidos pelo uso. Algumas dessas expressões contêm apenas uma lição de vida, de história, outras são ora graciosas, ora irônicas ou sentenciosas e o povo as usa no seu dia-a-dia e além de ser um excelente quadro para se obter um melhor conhecimento das reações mais íntimas desse povo numa interpretação da sua psicologia, constituem elementos magníficos para estudar as formas de linguagem popular que expressam as particularidades de uma determinada cultura.

## A CULTURA

Para fazer ciência e a ensinar convém ir beber às puras e ricas fontes populares.

(João Silva Correia)

Segundo Neiva (1997) a cultura é vista como regra imanente de integração social, cujo propósito primordial é distinguir *o que é nosso* em oposição ao que é alheio o que evidencia que este autor segue a linha antropológica baseada na defesa da humanidade legítima dos povos, tudo isso sem ter em conta o mapa das sub-culturas e inter-culturas que subjazem em cada país, questão importante na hora de analisar nossa própria identidade como povos ambíguos que somos.

Sem dúvidas, o termo *cultura* até agora resultou ser um *abacaxi difícil de descascar, é terra de ninguém e muita coisa ainda vem por aí*, pois na medida em que avançarem as pesquisas sociolinguísticas, antropológicas e dialetais surgirão novos conceitos, novas definições. Porém, fica claro que a cultura faz parte da vida social, enriquece-a, e cria através da linguagem códigos particulares para cada comunidade de acordo com as características específicas de cada grupo (costumes, hábitos, crenças, clima, região, etc.). Cada povo, portanto, cada cultura serve-se de imagens diferentes para contornar ou enfatizar certos assuntos de maneira figurada e a língua então, nos fornece informação cultural quer através da sua própria história, quer através da história da cultura que a veicula.

Estamos cientes de que cada sociedade tem características próprias que a diferencia das demais, o conteúdo da cultura, a sua dinâmica e importância deve variar bastante de uma comunidade para outra, inclusive dentro de uma mesma comunidade linguística também pode acontecer esse fenômeno, portanto, seria interessante, motivante e, com certeza, imprescindível, o estudo e análise dos valores culturais das nossas comunidades latino-americanas.

Ribeiro (1981, p.127), com um olhar antropológico, enfatiza que a cultura é a herança social de uma comunidade, representada pelo acervo co-participado de modos padronizados, concebida também como uma ordem particular de fenômenos que têm de característico sua natureza de réplica da realidade, transmissível simbolicamente de geração a geração, na forma de uma tradição que provê modos de existência, formas de organização e meios de expressão a uma comunidade humana.

Assim, a cultura significa diferença, variabilidade e também fonte potencial de conflito. Kramsch (1993) argumenta, neste sentido, que não se pode falar de cultura de um determinado país como se ela fosse única. Essa simplificação pode invadir o processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira e conseqüentemente tentará tratar a cultura como um repertório de clichês, aspectos “panorâmicos” do país, cuja língua se estuda. É necessário, pois, estudar esses aspectos culturais, principalmente quando se trata das formas de comportamento de uma determinada comunidade.

As convenções são socialmente motivadas e conseqüentemente relativas às culturas específicas, ao movimento histórico-social que conduzem o indivíduo a fazer escolhas para a compreensão de sua relação com o discurso dos agentes envolvidos (enunciador e ouvinte) dentro de um determinado contexto, no qual eles se inserem e no interior do qual negociam uma identidade para si próprios. Assim, o indivíduo deve ter uma competência semântica que o ajude a decodificar a mensagem que muitas vezes apresenta elementos subentendidos e não explicitados. Ao mesmo tempo deve ser capaz de fazer escolhas pragmáticas adequadas.

No entanto, ao lidar com línguas aparentadas como o português e o espanhol que participam de esferas culturais comuns, facilitando a comunicação e compreensão pela sua intra-culturalidade, podemos *lançar mão* de elementos comuns e análogos que possibilitem a sua aprendizagem e dar tratamento especial a aspectos que a diferenciam. O humor e a ironia são aspectos inerentes ao povo brasileiro e ao povo cubano, por exemplo, brincando com as desgraças alheias e com as suas próprias, sempre inventando e contando piadas, perguntando se já sabe a última. No imaginário coletivo de ambos os povos parece existir um estereótipo de uma pessoa aparentemente sempre *de bem com a vida*, ou pelo menos que sabe *dar a volta por cima* como a própria expressão idiomática diz. Falemos, então do imaginário.

## O IMAGINÁRIO

O imaginário social se expressa através de símbolos que possuem o significado que os indivíduos lhe atribuem dependendo das normas sociais que os regem, rituais, mitos, todos os elementos que plasmam as diferentes visões de mundo de uma determinada sociedade e expressam também crenças, premissões, tabus, etc., e seu dinamismo permite a compreensão da história humana. A criatividade e a imaginação são elementos fundamentais da cultura, veiculam a intuição, a razão, o sonho, a fantasia e a paixão. Toda a identidade cultural surge do imaginário que une o lingüístico, o social e o cultural. Assim, o imaginário transforma-se numa categoria analítica que engloba tanto a contraditória história das representações das relações sociais concretas, assim como das complexas manifestações simbólicas de um povo –a complexa potência dramática e poética de cada sociedade. Queremos com isto dizer que o imaginário de um povo abarca tanto as representações e práticas ideológicas que são parte dos confrontos sociais objetivos entre os diversos segmentos e classes sociais num determinado contexto histórico como as alegorias, metáforas e práticas que expressam os sentimentos individuais ou coletivos mais profundos e inconscientes. Assim, o ideológico e o simbólico se tocam e interagem no imaginário, interpenetrando-se e influenciando-se mutuamente, tornando, às vezes, difícil não só identificar ideologias de classe pura, como também ideologias sem contradições políticas ou estéticas.

Em nome da complexidade e da des (construção), o pós-moderno explora as mais amplas polissemias da percepção e do imaginário humanos. A busca da liberdade na construção e criação das imagens, não segue uma obediência cega às leis e à razão –o valor simbólico convencional da imagem codificada por regras e normas da escola considerada–, como aconteceu na modernidade, mas caminha noutras direções, numa união entre conhecimento e imaginário que traduz, reinterpreta e, por isso mesmo, transforma conceitos estéticos em novas formulações imagísticas.

Os heróis pós-modernos, por exemplo, constituem-se em anti-heróis, como nas histórias de Mafalda: lutam com as incertezas, não são mais os seres invencíveis, mas são marcados por des(construções) visuais e textuais, demonstrando suas fraquezas ou seu interior sensível.

A menina Mafalda é um exemplo, tornou-se o símbolo do imaginário mítico de uma Latinoamérica que ansiava por liberdade de expressão, por liberdade de escolhas sociais e culturais, pela emancipação feminina. A cultura latino-americana, ainda mantinha, à época, alguns padrões previamente determinados e destinados à mulher: dona de casa, mãe, cumpridora de tarefas domésticas, como grandes e únicas responsabilidades a serem cumpridas. A mulher precisava manter o mito da perfeição em relação à beleza e ao lar. Mafalda questiona esses padrões estabelecidos, sem os desprezar, mas, ao mesmo tempo, propondo novos caminhos, novos comportamentos. Sem abandonar o modelo feminino determinado, a menina explicita que a mulher pode, também, ir ao encontro de sua própria identidade, de suas possibilidades intelectuais e culturais. Na década de sessenta, Quino, o criador da personagem Mafalda, já apresentava o pensamento pós-moderno com esses questionamentos. Mafalda passa a questionar o mundo, as guerras do Vietnã e do Oriente Médio, a opinar contra a violência, a dizer verdades para os amigos, para os professores, para os pais, tudo isso armazenado num micro-universo de uma garota latino-americana, que ergue sua voz para um mundo cada vez mais dividido e desestruturado.

Assim, o ato de imaginar reconstrói e transforma os múltiplos significados que podemos conferir aos acontecimentos de nossas vidas, provocando encontros emocionais entre o mundo vivido, o mundo do Eu e o mundo das redes. Não fosse o poder da imaginação, permaneceríamos submersos, sem as compreensões maiores inerentes à nossa condição de seres humanos integrais, viajantes no espaço tempo do conhecimento, da sensibilidade, das emoções. Podemos nos permitir uma ligação maior com o mundo, não só interiorizando, mas partilhando significados. O imaginário também constrói metáforas, questão que abordaremos a seguir.

## A METÁFORA

Para Ullmann (1976, p. 240) a metáfora está tão estreitamente ligada à própria tessitura da fala humana que a encontramos sob vários aspectos: como um fator essencial da motivação, como um artifício expressivo, como uma fonte de sinonímia e polissemia, como uma fuga para emoções intensas, como um meio de preencher lacunas no vocabulário e em várias outras funções. O autor ensina que sempre estão presentes dois termos: a coisa da qual falamos, –o *teor*, e a coisa com a qual a estamos comparando– o *veículo*. O traço ou traços que as coisas comparadas têm em comum é o *fundamento* da metáfora. Um caso concreto seria a palavra latina *musculus*, “ratinho”, diminutivo de *mus*, “rato”, que era também empregada no sentido figurado de “músculo” –“pela semelhança de certos músculos, quando contraídos, com pequenos ratos, que, aparentemente, estariam correndo sob a pele” (Houaiss, 2002)– daí o inglês *muscle* e o português *músculo*. Nessa metáfora, “músculo” é o teor, “ratinho” é o veículo, e a semelhança extravagante vislumbrada entre as duas formas é o fundamento da imagem, o elemento em comum que subjaz à transferência de sentido. Em vez de declarar explicitamente, sob forma de uma comparação, que um músculo parece um ratinho, o teor identifica-se com o veículo por meio de uma espécie de “taquigrafia verbal”. Sob esse aspecto, afirma o autor, uma metáfora é *uma comparação condensada que afirma uma identidade intuitiva e concreta*.

É importante observar que a semelhança entre o teor e o veículo pode ser de dois tipos: objetiva e emotiva. Vejamos, por exemplo, a frase abaixo:

*Estas nuvens coroam a crista da montanha e se dissolvem imediatamente.*

Ao chamar o cume da montanha de *crista*, por se parecer com a crista da cabeça de algumas aves, temos um caso de semelhança objetiva. É emotiva quando falamos de uma *amarga lembrança*, porque associamos seu efeito ao de um sabor amargo. Segundo Ullmann (1976, p. 241), foi assim que a palavra francesa *déboire*, um derivado de *boire*, “beber”, que, originalmente, referia-se ao sabor desagradável deixado por uma bebida, passou a significar “dissabor, contratempo, esperança frustrada”.

Para Searle (1979/1993), as metáforas são sistemáticas e restritas; *restritas no sentido de que nem todas as formas pelas quais algo nos lembra outra coisa proporcionam base para a metáfora; e sistemática no sentido de que as metáforas podem ser comunicáveis do falante ao ouvinte em virtude de um sistema partilhado de princípios*.

Há, porém, alguns pontos no modelo de Searle que precisam ser analisados. Em primeiro lugar, o autor não estabelece na sua abordagem pragmática uma distinção entre a linguagem literal e a linguagem metafórica, sendo que a sua abordagem pragmática está ligada a

um modelo de estágios, segundo o qual o leitor primeiro percebe uma tensão e depois procura explicitá-la descobrindo o desvio causado pela metáfora. Lakoff (1993) alega que a explicação só poderia ser dada através de um sistema de metáforas convencionais e critica a concepção de significado literal de Searle que excluiria todos os exemplos de metáforas convencionais.

Na perspectiva de Lakoff & Johnson (1980), a metáfora é o conceito base que organiza a representação da linguagem, mantendo interconexões entre os vários componentes dela e criando uma espécie de teia associativa. As expressões idiomáticas também se organizariam numa espécie de teia, constituída pelas categorias pragmáticas, e dariam conta dos conceitos-base subjacentes à organização do mundo idiomático. Existe, pois, um conjunto de metáforas que estrutura a nossa atividade quotidiana, a nossa maneira de pensar, de ver, de agir, isto é, todas as relações (interiores e exteriores ao próprio sujeito) que o sujeito estabelece com o fundamento social. O falante as usa na sua experiência adquirida no dia-a-dia, dando mais expressividade à sua linguagem, integrando nos atos comunicativos o seu saber sobre os homens, o povo em geral e a sociedade. Ao exprimir esse saber, o locutor estabelece com o(s) interlocutor(es) um terreno comum, partilhado por ambos facilitando, desse modo, a comunicação. A metáfora extrapola, assim, o campo da literatura e da linguagem floreada, para aparecer como um elemento estruturador do pensamento humano e das mitologias de cada povo. Um estudo da linguagem coloquial poderia levar a perceber as matrizes metafóricas de cada língua. Tais matrizes são fornecidas pela cultura e subjazem à linguagem coloquial, porque o falante não percebe que as está utilizando. Assim, a metáfora desempenha um papel importante não só no enriquecimento do caudal léxico, mas também do caudal fraseológico, sendo o processo de metaforização a via principal que nos conduz à formação das expressões idiomáticas e de outras unidades fraseológicas. A eleição das metáforas muito depende das características, fenômenos, costumes mais relevantes de um determinado povo. Elas não permanecem encerradas (fechadas) no âmbito onde elas se originaram, pois uma metáfora expressiva e útil passa de uma língua para outra. O difícil será, quando se trate de criações muito antigas, definir em que língua se criou.

A fantasia criadora lingüística fornece muitas vezes relações de significação-imagem, significação ao nível da *langue* que nem todos compreendem, que são ambíguas ao problema de compreensão, descrição e explicação adequada de combinação e cooperação são fruto da experiência, da sensibilidade do povo que as cria, o que explica o fato de elas não serem entendidas da mesma forma por todas as pessoas. Como observa Indurlhya (apud Zanoto, 1995), [...] *a natureza da metáfora, e o como e por quê ela permeia todos os aspectos da cognição parecem enigmáticos. Em particular, a habilidade da metáfora de criar similaridade onde antes não existia nenhuma parece algo místico, apesar das diversas tentativas de explicá-los cognitivamente.* As metáforas são a base das expressões idiomáticas.

## AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

O sujeito executa ações ao usar a linguagem em seu dia-dia perguntando, informando, construindo sentidos. Na ação com a linguagem, as palavras e frases usadas pelo sujeito só têm sentido no interior dos enunciados que quer comunicar, usados de forma significativa, pois é através da interação que os sujeitos apreendem e compreendem as regras do seu meio social, do seu grupo. Tal reação da ação com a linguagem é descrita por Clark (2000, p.49).

... o uso da linguagem é realmente uma forma de ação conjunta, que é aquela ação levada a cabo por um grupo de pessoas agindo em coordenação umas com as outras. O uso da linguagem incorpora tanto processos individuais, quanto processos sociais. Falantes e ouvintes, escritores e leitores devem executar ações se quiserem ter sucesso no uso da linguagem...

Concordamos plenamente com o autor, pois a linguagem passa a ter sentido nos usos que os sujeitos fazem dela através dos processos de enunciação.

Sabe-se que todas as línguas têm os seus modos de dizer fixos, consagrados pela tradição, mantidos pelo uso. Aceitando-se que as comunidades tenham uma espécie de inventário de fórmulas conhecidas e usadas por seus membros como conhecimento coletivo, pode-se supor que diferentes comunidades tenham diferentes inventários. Essas diferenças repousam mais na área semântica, por exemplo, *prometer mundos e fundos* (português), *prometer villas y castillas* (espanhol); *procurar sarna para se coçar* (português), *buscar soga para su pescuezo* (espanhol); *estar com a faca e o queijo na mão* (português), *tener el sarten por el mango* (espanhol); *tirar uma soneca* (português),  *echar un pestañazo* (espanhol).

Uma unidade fraseológica pode ser um enunciado, por exemplo, *cada oveja con su pareja*; *cada macaco no seu galho*; *el que rie ultimo rie mejor* ou uma frase idiomática do tipo, *pescar en rio revuelto*; *procurar sarna para se coçar*; *buscar la horma de su zapato*; *tirar o cavalinho da chuva*. Os traços essenciais, definidores das unidades fraseológicas são a fixação e a institucionalização das mesmas, ou seja, a difusão generalizada, o uso comum e corrente, por circularem de forma oral através dos falantes de determinada língua e, portanto, consabido, formando parte da norma lingüística social (Zuluaga, 1998). Com relação à fixação existem critérios de que sempre serão possíveis algumas transformações dentro das unidades fraseológicas que não alterariam sua estrutura. Tais opiniões não as descartamos se levarmos em consideração os traços universais da linguagem humana: as mudanças, historicidade e criatividade. Estas frases são pluriverbais, mas é obvio que, embora elas possam sofrer alguma alteração ou variação, não existiriam sem a fixação de seus elementos que formam um conjunto não determinado pela soma dos significados dos seus componentes, produzindo um efeito especial.

Uma questão que devemos levar em consideração é a proximidade entre o Português e o Espanhol leva os falantes nativos a fazer transferências inadequadas e inconscientes, uma verdadeira *mistura de alhos e bugalhos* tanto no nível lexical como fonológico e gramatical. Essa mistura do português e do espanhol mais conhecido como Portunhol muitas vezes funciona para estabelecer uma *suposta* comunicação ou *quebrar o galho*. No entanto, esquecemos que por trás da aparente semelhança se esconde uma armadilha fatal que são os famosos *falsos cognatos*.

Para citar alguns exemplos, mencionamos *balcón* que em espanhol significa sacada, varanda (em geral com grades) e *balcão* que significa mesa comprida sobre o que o comerciante exhibe as mercadorias ao freguês; varanda de peitoril; em espanhol é alguma coisa que tem um preço baixo o razoável e em português *barata* é o nome genérico de insetos ortópteros; *batón* em espanhol significa bata de dormir, camisola e *batom* em português é lápis labial, cosmético; *bengala* em espanhol é um tipo de fogo artifício enquanto em português *bengala* é um instrumento que se traz na mão e serve de apoio.

Torna-se necessário, então, ouvir o povo, sentir o seu modo de falar, às vezes bastante diferente do que lemos nas páginas dos livros. Quem não ouviu em português, por exemplo, frases do tipo *fazer de gato sapato*; *procurar sarna para se coçar*; *embarcar em canoa furada*; *abalar-se/ (ir) para o além*; *estar com a corda toda*; *ter olhos de peixe morto*; *ser papo furado ou conversa mole para boi dormir*; *procurar agulha em palheiro*; *pintar um clima*; *quebrar o maior pau*; *tal pai tal filho*; *viver à toa*; *dar bolo em alguém*; *virar bicho*; *por as barbas de molho*; *estar com a bola toda*; *comprar barulho*; *pegar com a boca na botija*; *dor de cotovelo*; *pagar o pato*; *dar com a língua nos dentes*; *casa de ferreiro*; *espeto de pau*; *de grão em grão a galinha enche o papo*; *a mentira tem pernas curtas*; *as paredes tem ouvidos*; *colocar os pingos nos is*; *não adianta chorar o leite derramado*; *não se faz de mister*; *ouvir o galo cantar e não saber onde*; *quem madruga Deus ajuda*; *mais vale um pássaro na mão que dois voando*; *filho de peixe peixinho é*; *em terra de cegos quem tem um olho é rei*; *quem semeia ventos colhe tempestades*; *com quantos paus se faz uma canoa*; *cão que ladra não morde*; *onde vai a corda vai a caçamba*; *a cavalo dado não se olha o dente*; *macaco velho não mete mão em cumbuca*, etc. Elas e muitas outras frases constituem um meio expressivo cheio de vida, dinâmico e também versátil, são unidades fraseológicas que através da sua representação metafórica caracterizam um conceito, às vezes, já denominado por uma palavra ou o concretizam e o fazem mais expressivo. Muitas dessas expressões se referem a situações, idiosincrasias ou posturas de acordo à moral estabelecida ou aos costumes. Em alguns casos a representação metafórica permanece, mas perde a sua atualidade porque os fatos reais, os fenômenos que refletem têm perdido a sua importância.

O contexto situacional é essencial, pois nos indica a convenção de uso dessa unidade, desde que o leitor/ouvinte esteja familiarizado com a situação descrita. O contexto oferece muitos dados sem os quais é difícil chegar não apenas ao sentido, mas ao próprio uso da expressão idiomática. Por exemplo, quando um dicionário fornece apenas o significado de uma expressão, sem mostrá-la em nenhum contexto, o consultante pode não conseguir captar seu sentido, mesmo que se trate de sua língua nativa. Vygotsky (2001, p. 445) mostra que o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência, é sempre uma forma dinâmica, fluida e complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada e o significado é apenas uma dessas zonas de sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso. Em contextos diferentes a palavra muda facilmente de sentido. O significado, ao contrário, é um ponto imóvel e imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos. Esse enriquecimento das palavras que o sentido lhes confere a partir do contexto é a lei fundamental da dinâmica do significado das palavras. A palavra incorpora, absorve todo o contexto com que estão entrelaçados os conteúdos intelectuais e afetivos e começa a significar mais ou menos do que contém o seu significado quando a tomamos isoladamente e fora de contexto.

Assim, os sentidos não estão predeterminados por propriedades da língua e também não são algo que se dá independente do indivíduo. Os mecanismos de produção de sentidos são também os mecanismos de produção dos sujeitos. Esses mecanismos implicam uma relação da língua (capaz de equívoco) com a história, funcionando ideologicamente (relação necessária do simbólico com o imaginário). O sentido é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas, elas mudam de sentido, segundo as posições daqueles que as empregam, elas tiram seu sentido dessas posições. Tudo que dizemos tem, pois um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos.



A partir dessa consideração pode-se elucidar que se a evidência do sentido, na verdade, é um efeito ideológico, do mesmo modo, a evidência do sujeito, sua identidade, (o fato de que ‘eu’ sou ‘eu’, apaga o fato de que ela resulta de uma identificação, ou seja, o sujeito se constitui por uma interpelação. É assim, sentidos e sujeitos estão sempre em movimento significando de muitas e variadas maneiras, por exemplo, *bater a caçoleta, vestir o pijama de madeira, bater as botas, abotoar o paletó, esticar as canelas*). Daí a consideração de que todo funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e polissêmicos. Filiamo-nos a redes de sentidos, identificamo-nos com processos de significação e constituímos-nos com posições de sujeitos relativas às formações discursivas.

Frias (1991) afirma que as discussões de caráter cultural e intercultural emergem como questões importantes na evolução das sociedades, em diferentes domínios, entre eles o da educação. Nesse sentido, o caráter inter-cultural tem sido considerado, sobretudo, nas práticas de ensino ligadas a contextos específicos: contato de línguas, ensino de LE em contextos escolares, valorização de línguas e culturas de povos imigrantes etc. Frias (op. cit) ressalta, no entanto, que embora esse tipo de discussão esteja presente em diferentes perspectivas de abordagem, em diferentes áreas do conhecimento, no campo do ensino o conteúdo cultural normalmente veiculado é relativo a um conjunto estanque de informações sobre as peculiaridades do cotidiano e estereótipos do grupo em questão, sem considerar os esquemas disponíveis na própria cultura dos alunos. Cita como exemplo o ensino de inglês que comumente é praticado, sem se considerar qualquer conteúdo cultural. No geral, o que se presencia é um ensino voltado para a afirmação de uma hegemonia lingüística e cultural, reforçando uma prática inter-cultural que apela para o exótico, para características superficiais e folclóricas.

As discussões que têm sido travadas neste âmbito objetivam empreender uma mudança de foco significativa dos conteúdos informativos e exóticos para um sistema de valores que dê conta das diferenças culturais entre os povos de diferentes línguas. Considerar a interculturalidade é mais do que simplesmente procurar respostas esclarecedoras, mas assumir um modo de abordagem “integrada em manifestações múltiplas e variadas”. A autora apresenta alguns conceitos estabelecidos por Martine Abdallah-Pretceille, que se organizam de acordo com três perspectivas: a de uma abordagem subjetivista, ou seja, a cultura é complexa e diversificada, não pode ser reduzida a conjuntos de valores estanques, voltados para o folclore; a de relevar o fato de que a cultura deve ser considerada em toda a sua heterogeneidade dentro de uma sociedade global; ressaltar as coordenadas identidade / alteridade, uma vez que “perceber” a cultura do Outro é compreender a relação entre os indivíduos como algo recíproco, que se torna possível através da conjugação entre “Eu e o Outro”. A esse respeito, a autora aponta várias questões que mostram que, mais do que tudo, um discurso sobre a diferença, sobre as relações entre o Eu e o Outro, é sempre visto como algo ameaçador, que envolve atitudes de defesa e superioridade. No entanto, os elementos desta relação não devem ser vistos como pontos extremos como algo antagônico, oposto, mas como parâmetros que melhor podem elucidar a compreensão dos fenômenos sociais, da rede de inter-subjetividades. Como diz a autora: “a diferença não serve para atribuir uma identidade, mas para identificar”.

## EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM PAÍSES LATINO-AMERICANOS

Como tínhamos falado no início da nossa apresentação, as comunidades têm diferentes representações imagéticas que exteriorizam a través de metáforas. Muitas vezes aparecem na oralidade, mas também podemos encontrá-las nos jornais, revistas, principalmente

nas manchetes, para chamar a atenção dos leitores. Trazemos aqui alguns exemplos que a continuação mostraremos, expressões que são compartilhadas por vários países latino-americanos o que demonstra que temos algumas imagens em comum e que a motivação metafórica presente enfatiza a nossa identidade latino-americana. Os exemplos foram extraídos do site [www.jergasdehablahispana.org](http://www.jergasdehablahispana.org).

- 1) “*La dictadura nacionalista de Milosevic le ha llevado a un callejón sin salida. La prolongación de la crisis puede acabar arrinconándole junto con su mujer contra el muro del fondo de ese callejón, ...*” (El Colombiano – Seção de política 29/09/2000)  
 O uso da expressão *callejón sin salida* em um contexto em que se cria uma imagem de alguém que fica acuada num muro de uma rua sem saída, por onde não há como escapar, faz com que ela realize sua carga expressiva.
- 2) “*... como buen paisa siempre tiene a flor de labios una anécdota que contar...*” (El Colombiano, Seção de Opinião, 09/05/00). *Ter na ponta da língua* (português).
- 3) “*Teria sido em nome desse interesse que mentiu até não ter mais condições de tapar o sol com a peneira.*” (O Estado do Paraná, Editorial, 29/04/01) *Tapar el sol con un dedo* (português).

#### EXPRESSÕES DE VÁRIOS PAÍSES DE LATINO-AMÉRICA

- Esta bebida alcohólica es muy buena. A mí me gusta mucho pero si bebo más de tres vasos me emborracho y al día siguiente amanezco con un malestar físico tremendo.
- La policía atrapó al delincuente y lo mandó a la cárcel.
- El hombre grosero llamó avara a su madre porque ella no le quiso dar dinero para comprar un automóvil.

#### COSTA RICA

- Este *guaro* está *con toda la pata*. A mí me gusta *en puñeta*, pero si bebo más de tres vasos, *me jumo* y al día siguiente amanezco con una *goma* tremenda.
- La *paca* se llevó al *bicho* y lo mandó al *tabo*.
- El *puñetero* llamó *pinche* a su *mama* porque no le quiso dar *plata* para comprarse una *nave*.

#### CHILE

- El *copete* está *chacal*. Me encanta, pero si *chupo* más de tres vasos *me curo* y al día siguiente amanezco con *resaca*.
- Los *pacos* agarraron al delincuente y lo mandaron a la *cana*.
- Ese *roto* llamó *apretá* a la mamá, porque ella no le quiso pasar la *plata* para comprar un auto.

#### REPÚBLICA DOMINICANA

- Este trago está *full de to'*, me gusta *un paquete*, pero si me bebo más de tres vasos *me prendo* y al otro día sólo me espera una tremenda *resaca*.
- La policía agarró al *tipo* y lo *trancó*.
- Ese *tipo* le dijo *tacaña* a su madre porque ella no le dio *cuartos* para comprar un *carro*.

## ESPAÑA

- La *priva* esta está que te pasas. *Mola por un tubo*, pero si *pimpro* más de tres vasos pillo *una mierda* y al día siguiente estoy con una *resaca del doce*.
- La *pasma* cogió al *quinqui* y lo metió al *maco*.
- El *tío borde* llamó *roñosa* a su vieja porque ella no le quiso soltar *mosca pa'* comprarse un *buga*.

## PANAMÁ

- Este *guaro* está *nitido*. Me gusta *buco* pero después de tres *voy por fuera* y amanezco con una *goma pifiosa*.
- Los *tongos* agarraron al maleante y lo *enchiloraron*.
- El *man enchuchao* le dijo a la *guial dura* porque no dió el *chenchén* para el *chuncho*.

## VENEZUELA

- Este *palo* si está *cartelúo*. Me gusta *burda* pero después de tres agarro una *curda* y al día siguiente me agarra un *ratón arrechísimo*.
- Los *tombos* agarraron al *malandro* y lo metieron en la *jaula*.
- El *mono* le dijo a la *vieja pichirre* porque no le quiso dar la *muna* para comprar la *nave*.

## ARGENTINA

- Este *chupi* la rompe. A mi me re *copa* pero si tomo más de tres vasos me agarro una flor de *mamúa* y al día siguiente amanezco con una *resaca de la gran siete*.
- La *yuta* agarró al *chorro* y lo *encanó*.
- El *guarango* le *batió agarrada* a su *vieja* porque ella no le quiso tirar *guita* para comprarse un auto.

## MÉXICO

- Este *chupe* está *a toda madre*. A mi me *pasa* un *chingo* pero si *pisteo* más de tres vasos me pongo *hasta atrás* y al día siguiente amanezco con una *cruda* de la *chingada*.
- La *chota* agarró al *malandrín* y lo metió al *bote*.
- El *pinche hocicón* le dijo *coda* a su *jefa* porque ella no quiso *mocharse con feria* para comprarse una *nave*.

## CUBA

- Este *alcolifán* está riquísimo, a mi me queda *en talla*, pero si me trago tres vasos me pone *del otro lado* y al otro día amanezco en *llama*.
- La *fiانا* cogió al delincuente y lo mandó para la *cana*.
- El *chamaco* malhablado le dijo a su *pura tacaña* porque no le quiso soltar el *baro* para comprarse un *perol*.

## URUGUAY

- Este *escabio* está *de la planta*. Me *cabe*, pero si me mando más de *tristeza*, me *mamo* y al otro día tengo una *resaca* que ni *me la banco*.
- La *cana* cazó *al pinta* y lo mandó para *troden*.
- El *terraja* le dijo *apretada* a la *vieja* porque no le dio la *teca* para un auto.

## PERÚ

- Este *trago* está *paja*. A mí me *vasila como a cancha*, pero si *chupo* más de tres vasos me pongo *huasca* y al otro día me levanto con un *caldero de la patada*.
- La *tombería* *chapó* al *choro* y lo mandó a la *cana*.
- El *verraco* le dijo *dura* a su *cocha* porque ella no le quiso pasar *villegas* para su *caña*.

## PUERTO RICO

- Este *palo* es pura *melaza*. A mí me gusta *que se acabó*, pero si me doy más de tres *juanetazos* me doy una *ajumá* que al otro día despierto con un *jangover*.
- Los *gandules* cogieron al *pillo* y lo mandaron *p'adentro*.
- El *mandulete* le gritó *maceta* a la *mai* porque ella no le quiso dar los *chavos* para comprar un *carro*.

## COLOMBIA

- Este *trago* es *propio*. A mí me gusta mucho, pero si bebo más de tres vasos me emborracho y al día siguiente amanezco con un *guayabo* tenaz.
- Los *tombos* agarraron al *raponero* y lo mandaron al *hueco*.
- El *tipo* llamó *del codo* a su mamá porque ella no le quiso dar *plata* para comprar un *carro*.

FRASES E PALAVRAS COMPARTILHADAS POR  
VÁRIOS PAÍSES DE FALA HISPANA

*dar en el clavo*: acertar. (PY, ES, A, CR, H, N)

*dar lata* (en ES *dar la lata*): molestar, incomodar. (M, CO, CR, G, U, PY, ES, N)

*dar lata*: falar muito. (PR, A, U, PY)

*darle al clavo*: acertar. ¡*Le diste al clavo! Mónica está embarazada, nos lo dijo esta mañana.* (G, M, N, CO, CH, V)

*darse una matada*: sacrificar-se o esforzar-se mucho por algo. *Irene se dio una matada estudiando y reprobó la materia de todos modos.* (M, CH, PR, CR)

*darse una matada*: cair, machucar-se muito com a caída. *Elba no vio la cáscara de plátano en el piso y se dio una matada, la pobre.* (M, V)

*dárselas de...*: ostentar, presumir de... *Gema se las da de aristocrática, pero yo sé que su familia es de clase media.* (CH, CU, ES, PY, M, CO, H, N, A, V, U, RD)

*de la patada*: (adv.) muito mal, pésimo. *La situación económica está de la patada.* (M, G, H, N)

*echar los perros*: cortejar a alguém. *Pablo le anda echando los perros a Lucía.* (M, CO, H, V, G, N)

*echar(le) un ojo (a algo)*: observar, cuidar, estar de olho. *Échenle un ojo a mi bicicleta mientras entro a la tienda a comprar la fruta.* (G, PY, RD, M, CO, V, A, N, CR, CU)

*hablar paja*: falar coisas triviais; falar bobagem. *Elia es muy buena para hablar paja--le encanta hacer perder tiempo a la gente.* (SA, CO, H, V, CR, G, PR, PA, N, EC)

*hablar (hasta) por los codos*: falar muito, demasiado, *ser muy parlanchín*. *Alex habla hasta por los codos; parece perico.* (A, V, RD, M, CR, PR, ES, CO, H, U, CU, N, CH, PY)

*hacerse bolas*: confundir. *El taxista se hizo bolas y me llevó a una calle equivocada.* (M, CR, N, CO, G, PE, H)

*hacerse el loco*: fazer-se de bobo. *Elena se hace la loca para que su hermano le haga toda la tarea de matemáticas.* (U, PR, A, CO, ES, CH, N, SA, M, H, V, G, PY)

*hasta el copete/hasta la coronilla\**: farto, não agüentar mais alguém ou alguma coisa. *Estoy hasta el copete de los berrinches de Maricela.* (A, ES, V, N, M, PR, CR, H, PE, CH, G, PY, U\*, CO\*)

*hijo de papi/papá--niño de papá*: filho de pessoa rica e, por essa razão, leva todas as vantagens, tem todo tipo de privilegio, mordomias. (PR, PE, H, A, CR, U, PY, N, V, CO, M, ES, CH)

*encanar*: (v.) colocar na cadeia. *Encanaron a Roberto por tráfico de drogas.* (N, CU, A, V)

*engrupir*: (v.) mentir. *A Carlos le gusta engrupir sobre su estado civil.* (CH, A)

*estirar la pata*: morrer. (ES, G, CR, M, PE, PR, V, SA, CO, A, H, U)

*ponerse las pilas/baterías*: concentrar-se. *Me puse las pilas y logré resolver el problema de matemáticas.* (PY, G, U, CU, N, CR, V, M, A, CO, RD, CH, H)

*por si las moscas*: por si acaso, prevenir-se pelo que possa acontecer no futuro. *Revisemos que las ventanas estén bien cerradas antes de salir, por si las moscas.* (ES, U, M, V, PR, G, CR, PY, A, CH, N, CO, PE, H)

*Estar en Chuchunco* (Chile), *onde o Judas perdeu as botas* (Brasil); *donde el diablo dió las tres voces* (Cuba). Geralmente se utiliza quando se faz referência a um lugar que fica muito, mas muito longe, perdido no mundo afora. Chuchunco no Chile foi um bairro, um subúrbio, uma aldeia de Santiago que pertencia à Comuna de Maipo e era a continuação da Estação Central do Sul, como era denominada antigamente. As grandes bases foram trocadas pela locomoção coletiva (metrô) e o entorno rural se transformou numa zona urbana. Chuchunco segue e seguirá sendo um lugar bastante distante.

#### CÓDIGO DE PAÍSES:

A: Argentina, BO: Bolívia, CO: Colômbia, CR: Costa Rica, CU: Cuba, CH: Chile, EC: Ecuador, ES: España, EEUU: Estados Unidos, G: Guatemala, H: Honduras, M: México, N: Nicaragua, PA: Panamá, PY: Paraguay, PE: Perú, PR: Puerto Rico, RD: República Dominicana, SA: El Salvador, U: Uruguay, V: Venezuela.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua é expressão de um povo. O grupo social manifesta seu pensamento e sua visão do mundo por meio da sua língua, ou seja, o pensamento não pode existir sem a língua (Martinet 1970). Infelizmente o choque de culturas tem provocado o sepultamento de valores e conquistas milenares.

Expressões há de sentidos figurados e metafóricos, que escapam á compreensão dos alheios, aos hábitos e dialetos das zonas povoadas onde são originárias. Com sua filosofia o povo sabe condenar num dito expressivo, num preceito sentencioso ou numa formula doutrinal, os anseios, as perplexidades e as dívidas que torturam a alma, á criatura humana. Só o povo com o seu agudo espírito de observação podia idear palavras e frases de cunho original.

“Compreender” uma língua é chave para compreendermos um povo, nos seus hábitos, na sua forma de pensar. Daí a importância de se estudar uma língua estrangeira quando se quer aceder a uma outra cultura. Daí a importância de ultrapassar, no ensino de uma língua, a mera exercitação de estruturas comunicativas de sobrevivência social (Adragão 1991, p. 32).

Portanto, conhecer a cultura do Outro significa se sensibilizar com as convenções do uso da língua do parceiro, determinadas pelas características do contexto de uso. Estudá-la permite alcançar a habilidade de interpretar referências culturais e figuras da linguagem que são normalmente incorporadas ao léxico dessa língua, mas significa também o entendimento das crenças, tabus, valores da comunidade alvo.

## BIBLIOGRAFIA

- Adragão, José V.** (1991): “A dimensão cultural no ensino de uma língua estrangeira” in *Actas Seminário Internacional Português como Língua Estrangeira*, 9 a 12 de maio. Macau, Fundação Macau, Instituto Português do Oriente, pp. 385-394.
- Bauman, Zygmunt** (1998): *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Bentes, I.** (1997): “Globalização eletrônica e América Latina” in Menezes P. (org.) *Signos plurais: mídia, cotidiano na globalização*. São Paulo, Experimento.
- Frias, M. J. M.** (1991): “Pedagogia inter-cultural e formação de professores de português, língua estrangeira” in *Actas Seminário Internacional Português como Língua Estrangeira*, 9 a 12 de maio. Macau, Fundação Macau, Instituto Português do Oriente, pp. 443-450.
- Gombrich, E.M.** (1986): *Arte e ilusão*. São Paulo, Martins Fontes.
- Gonzaga Motta, L.** (2002): “O imaginário: em busca de uma síntese entre o ideológico e o simbólico na análise da dinâmica sócio-cultural latino-americana” in *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación*, www.eptic.com.br Vol.IV, N°3, Sep./Dic.
- Harvey, D.** (1992): *Condição pós-moderna*. São Paulo, Loyola.
- Kramsch, C.** (1993): “Context and culture” in *Linguae teaching*. Oxford, Oxford University Press.
- Lakoff, G. & Johnson, M.** (1980): *Metaphors we live by*. London, Chicago, The University of Chicago Press.
- Lakoff, G.** (1993): “The contemporary theory of metaphor” in Ortony, A. (eds.) *Metaphor and thought*. Cambridge, CUP, pp. 202-251.
- Lyotard, J.-F.** (1994): *La condicion postmoderna*. Madrid, Catedra.
- Maffesoli, M.** (2001): “O imaginário é uma realidade” in *Revista Famecos* 15. Porto Alegre, pp. 74-81.
- Martinet, A.** (1970): *Éléments de linguistique générale*. Paris, Armand Colin.
- Moya, A. de** (1996): *História da história em quadrinhos*. Paris, Atlas.
- Neiva, E.** (1997): “Crítica à ilusão antropológica: teoria da cultura diante do fenômeno da globalização” in *Signos plurais: mídia, cotidiano na globalização*. São Paulo, Experimento.
- Orlandi, E.** (1986): “Identidade linguística escolar” in Signorini, I. *Linguagem e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. SP, Mercado de Letras, pp. 203-212.
- Quino, L.** (1984): *História em quadrinhos. Leitura crítica*. São Paulo, Paulinas.
- Rahde, M.B. F.** (2000): *Imagem. Estética moderna & pós-moderna*. Porto Alegre, EDIPUCRS.
- Ribeiro, D.** (1981): *As Américas e a civilização – processo de formação e causas do desenvolvimento cultural desigual dos povos americanos*.
- Ribeiro, D.** (1986): *América Latina: a pátria grande*. Rio de Janeiro, Guanabara Dois.
- Ribeiro, D.** (1995): *O povo brasileiro – formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, Cia. das Letras.
- Searle, N.** (1979/1993): “Metaphor” in *Metaphor and thought*. Cambridge, CUP, pp. 83-111.
- Ullmann, S.** (1976): *Semântica. Introducción a la ciencia del significado*. Madrid, Aguilar.
- Vygotsky, L.S.** (2001): *Pensamento e linguagem*. SP, Martins Fontes.
- Zanoto, M.** (1995): “Metáfora, cognição e ensino de leitura” in *Delta*, vol. 11, 2. SP., pp. 241-254.
- Zuluaga, A.** (1998): “Sobre fraseologismos e fenômenos colindantes” in *Atas do I colóquio galego de fraseologia*. Santiago, Xunta de Galicia, pp. 15-30.

## ANEXOS

## EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS BRASILEIRAS

*Perder a cabeça* = descontrolar -se

*Viver no mundo da lua* = ser distraído

*Bater papo* = conversar

*Tirar de letra* = fazer alguma coisa com grande facilidade

*Custar os olhos da cara* = ser muito caro

*Pisar em ovos* = ser muito cuidadoso

*Andar com a pulga atrás da orelha* = estar desconfiado

*Sem tirar nem pôr* = igualzinho

*Ser um zero à esquerda* = não ter nenhum valor

*Bater na mesma tecla* = insistir na mesma coisa

*Não dizer coisa com coisa* = falar sem nexos, sem sentido

*Dar um bolo* = faltar a um compromisso

*Pôr no olho da rua* = despedir, expulsar

*Pôr as cartas na mesa* = esclarecer as opiniões e posições

*Dar o golpe do baú* = casar-se com uma pessoa rica por interesse

*Tocar no ponto fraco* = atingir a fraqueza de alguém

*Dar com a língua nos dentes* = denunciar

*Dor de cotovelo* = ciúme

*Ficar de papo pro ar* = não fazer nada (ser preguiçoso)

*Ficar de braços cruzados* = não fazer nada (não resolver uma situação)

*Bater com o nariz na porta* = não encontrar a pessoa no local

*Entrar em fria* = envolver-se em negócio desonesto ou muito complicado

*Saber na ponta da língua* = saber perfeitamente

*Estar duro* = não ter dinheiro

*Pôr tudo em pratos limpos* = esclarecer uma situação

*Estar de fogo* = estar bêbado

*Estar de ressaca* = estar sentindo os efeitos de uma embriaguez

*Cara-de-pau* = pessoa cínica

*Ficar de orelha em pé* = está desconfiado, alerta

*Filho de peixe peixinho é* = quando os atos praticados pelo filho são semelhantes aos do pai

*Não dar o braço a torcer* = não ceder de modo algum

*Não ata nem desata* = não se decide

*Ir por água abaixo* = quando alguma coisa não dá certo

*Dar mole* = facilitar uma situação

*Pôr a boca no trombone* = contar pra todo mundo

*Rodar a baiana* = fazer um escândalo

*Ficar de olho* = olhar, observar

*Ficar na sua* = não se intrometer em assuntos alheios

*Entrar pelo cano* = quando uma pessoa não tem bons resultados em uma determinada situação

*Bater boca* = discutir com alguém

*Armar o maior barraco* = fazer um escândalo em uma discussão

*Ficar boiando* = ficar sem entender

*Oso duro de roer* = pessoa que é difícil de se convencer

*Olho gordo* = inveja

*Fazer das tripas coração* = fazer o possível e o impossível

*Pé frio* = pessoa sem sorte

*Pé quente* = pessoa com sorte

*Perna-de-pau* = quem não sabe jogar bem o futebol

*Fazer uma vaquinha* = Arrecadar dinheiro de um grupo de pessoas para um determinado fim

*Pegar o bonde andando* = escutar uma conversa quando ela já está quase no fim, não escutá-la desde o início.

*Estar de saco cheio* = estar intolerante

*Farinha do mesmo saco* = comparação entre duas ou mais pessoas de personalidade mesquinha

*Mão-de-vaca* = pessoa que faz economia de suas coisas exageradamente

*Passar um aperto* = passar por uma situação muito difícil

*Bater as botas* = morrer.

#### FRASES CUBANAS

*Más rollo que película* = Fala muito e faz pouco.

*Bájate el blumer* = Um tipo de vinho inventado pelos cubanos, é muito barato, custa dois pesos o litro e se vende nos mercados.

*El hombre y la tierra* = Outro tipo de vinho, que só de beber dois goles fica bêbado.

*...se armó un despelote* = Festa de arromba. Também significa confusão, bagunça.

*No te tirarse con la guagua andando* = No te aceleres, não tão rápido.

*Acere, ¿qué bolá?* = Que onda, amigo, como vai?, E aí. Beleza!

*Cara de corduroi / cara de pomo de vinagre* = Ambas querem dizer que alguém tem a cara com rugas. (Maracujá de gaveta)

*Quemar petroleo* = Mulher branca que gosta de negros.

*Tener cintura de jicotea* = Gorda, corpo de boiler.

*Soltar flores por la boca* = Pessoa que diz cobras e lagartos

*Tener más cojones que maceo* = Alguém que tem muita coragem e não tem medo de ninguém.

*Estar seca y envuelta en paja* = Como o milho: muito magra.

*...y dicen que en Cuba no hay carne,*

*lo que no hay es lata pa' envasarla!* = Para dizer a uma mulher quea una mujer que está muy buena.

*Estar arriba de la bola!* = Estar atualizado.

*Estar detras del palo y pidiendo el último* = Estar despistado/a.



**TEXTOS**

Quem não quer ter um porto seguro, quem não gosta de comprar a preço de banana, quem consegue passar a pão e água, quem não perde a cabeça com uma garota de tirar o fôlego ou resiste a uns olhos de jabuticaba, quem sem um tostão furado não vai querer estar no mesmo barco de alguém montado na grana, quem não conhece um amigo da onça, quem não evita aquele que tem o rei na barriga, quem agüenta firme quando o farol está baixo, quem nunca mete o nariz onde não é chamado, quem deixa de puxar uma palha depois de encher a cara, quem não aproveita a onda da sorte, quem muitas vezes não pisa na bola e depois quer começar a andar na linha, quem já não descascou um abacaxi, resolveu um pepino ou quebrou um galho para alguém?

É inútil dar murro em ponta de faca, pois alguém vai ter que pagar o pato. A menos que se queira pendurar as chuteiras, é melhor deixar de encher lingüiça e começar a andar na linha. Para não pisar na bola na hora de descascar o abacaxi, o que o faria entrar pelo cano, o tradutor deve evitar fazer uma tempestade num copo d' água ou meter os pés pelas mãos. Às vezes, é preciso engolir o sapo e tentar tirar leite de pedra, pois, afinal de contas, o tradutor está com a faca e o queijo na mão e, se não enfiar o pé na jaca, pode realmente acertar na mosca. Porém, se ele está se lixando pois tem o rei na barriga, vai acabar marcando touca, pois todas esperam que o tradutor troque as bolas e fique cheio de minhoca na cabeça. Não se trata de dourar a pílula, nem de ver pelo em ovo. Para não vir a chorar sobre leite derramado, antes de bater as botas e chutar o balde, o tradutor deve arregaçar as mangas e, quem sabe, soltar a franga. Só assim conseguirá, talvez, traduzir um texto sem pé nem cabeça como este sem pisar na bola.